

O Jubileu e o Caminho Sinodal no Segundo Testamento

Dom Andherson Franklin Lustoza de Souza¹

A única menção do ano Jubilar no Segundo Testamento encontra-se no Evangelho de Lucas, numa referência à pregação de Jesus na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30). O evangelista Lucas nos apresenta o conteúdo da pregação de Jesus retomando o texto do profeta Isaías (Is 61,1), indicando assim que Nele se abre o ano da graça do Senhor (Lc 4,19). Esse episódio marca o início da missão de Jesus e possui um caráter programático, isto é, indica os passos, escolhas e atitudes do Mestre ao apresentar os caminhos do Reino.

No texto de Lucas (Lc 4,18-19) encontramos: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres e me enviou para anunciar aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor?”*.

Neste texto muito breve, encontram-se, de forma programática, os aspectos fundamentais da pregação de Jesus e, por conseguinte, importantes também para a comunidade cristã primitiva. O primeiro diz respeito à evangelização aos pobres, algo que é claramente presente em todas as atitudes e escolhas de Jesus, indicando que a sua própria vida é um ano jubilar. Ele se dirigiu aos pequenos e empobrecidos, colocando-se ao lado dos que mais precisavam e pouco contavam, resgatando-lhes a dignidade perdida e restituindo-lhes a vida.

O segundo aspecto diz respeito ao dom da liberdade, já presente nos anos jubilares, mas alargado nas ações e escolhas de Jesus, visto que Ele se coloca próximo aos que estavam prisioneiros do mal e ansiavam pela libertação física, emocional, espiritual e social. Ele indica a todos o caminho da liberdade e da vida plena, doadas a todos indistintamente, por meio da graça que lhes comunica e do convite a segui-Lo como seus discípulos e discípulas.

O terceiro aspecto toca à restituição da visão aos cegos, uma cura que deve ser compreendida para além do aspecto físico, pois indica a iluminação interior e o convite ao seu seguimento. De fato, os cegos curados recebem a luz dos olhos e são iluminados pelo dom da fé, pois o desfecho de sua cura foi a profissão de fé e o seguimento do Mestre no caminho do discipulado.

¹ Bispo auxiliar de Vitória-ES e membro da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB

Por fim, o quarto aspecto diz respeito à restituição da liberdade aos presos e oprimidos, que amplia a proposta do jubileu descrito no livro do Levítico, pois propõe a liberdade integral da humanidade. Jesus abre para todos o caminho para a liberdade e para a vida plena, que são frutos do amor misericordioso do Pai, que a todos alcança. Em Jesus Cristo, o ano da graça, o ano jubilar, é uma realidade concreta e as suas maiores esperanças são realizadas. Nele são cumpridas as promessas divinas e toda a humanidade é acolhida e convidada ao repouso jubilar, momento de refazer as forças para continuar o caminho como peregrinos de esperança.

Estes quatro aspectos estão, claramente, presentes nas posturas da Primeira Comunidade Cristã, algo muito bem descrito nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47) e nas cartas de Paulo; principalmente, no que tange a coleta para a comunidade de Jerusalém e o cuidado devido às viúvas e aos empobrecidos (ICor 11-17-34; 16,1-4; Gl 2,10).

O Jubileu de 2025 – Peregrinos de esperança

O ano jubilar de 2025 está em profunda consonância com os jubileus anteriores, algo que o próprio Papa Francisco indica na Bula na qual ele apresenta as suas indicações para o Jubileu. O intuito do Papa, ao proclamar um novo ano jubilar, é o de proporcionar à Igreja, diante dos grandes desafios e urgências deste tempo, a possibilidade de fazer a experiência viva e profunda do amor de Deus, suscitando nos corações de todos os homens e mulheres a esperança como um grande feixe de luz que indica o caminho a ser trilhado na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário. É também do desejo do Papa que esse ano jubilar possa contribuir como uma preparação prévia para a grande celebração dos 2000 mil anos da paixão e da morte do Salvador, que ocorrerá em 2033.

Este jubileu é assinalado com uma reflexão profunda sobre o tema da Esperança que deve inundar o coração da humanidade, alcançada pelo amor de Deus, derramado em seu coração, por meio do Espírito Santo (Rm 5,5). Uma esperança que não decepciona, pois tem o seu fundamento e está ancorada no amor divino manifestado na entrega de Seu Filho Único na cruz.

Ao proclamar o Ano Jubilar, o Papa Francisco indica que este tempo de graça deve ser também marcado por uma profunda revisão sobre a presença e a atuação da Igreja diante das mais urgentes questões de nosso tempo. De fato, a comunidade eclesial deve ser a primeira portadora de um respiro de esperança capaz de indicar os caminhos da promoção da vida, da dignidade, da inclusão e do compromisso com a fraternidade e a amizade social. Ocupar-se das dores de todos os filhos e filhas de Deus, criados à Sua imagem e semelhança, é um compromisso evangélico que deve conduzir a Igreja

nesse tempo jubilar. De maneira especial, levando aos corações a esperança que aquece e ilumina, rompe com as cadeias do egoísmo e do materialismo e indica o caminho da fraternidade, da solidariedade, da sinodalidade e da construção da paz.

Serão reconhecidos como peregrinos de esperança todos os que se fizerem próximos dos que estão solitários e excluídos da sociedade, vivendo em situações degradantes ou de grande desolação. As posturas propostas pelo Papa Francisco estão diretamente relacionadas aos valores do Evangelho e apontam para o Ano da Graça inaugurado e indicado por Jesus Cristo, na sinagoga de Cafarnaum. Deste modo, os cristãos de hoje, chamados a serem discípulos missionários de Jesus Cristo, devem deixar-se iluminar e conduzir pela esperança que se ancora na ressurreição do Senhor. Homens e mulheres novos que vivem assinalados pela esperança que é, ao mesmo tempo, uma atitude e uma escolha de fé, traduzida na vida cotidiana, marcada pela caridade, solidariedade e misericórdia, sobretudo, com os que mais precisam.

Nesse tempo e ano jubilar é essencial e condição fundamental que todos tenham a possibilidade de fazerem um encontro pessoal com Jesus Cristo, a fim de serem formados pelos valores do Evangelho da Boa Nova por Ele anunciado. Capazes de estreitarem os laços de pertença à comunidade eclesial e de gestos, testemunhos, atitudes missionárias, proféticas e evangelizadoras, que apontem para a construção do Reino de Deus.

Peregrinos de esperança no caminho sinodal

No Livro do Primeiro Isaías encontra-se uma afirmação que sustentou todas as esperanças de um povo, sobretudo diante de desafios e dificuldades enfrentados: *“Eis que uma jovem (virgem) está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel”* (Is 7,14).

No texto do Evangelho de Mateus, em três partes estratégicas, isto é, no início, na metade e no último versículo de todo o Evangelho, o evangelista retoma o vocábulo Emanuel, proposto por Isaías aplicando-o a Jesus, nascido da Virgem Maria. No início, em Mt 1,22-23, o nome Emanuel está diretamente relacionado com a salvação, pois, o evangelista indica que Ele estará sempre junto aos seus e os salvará de seus pecados. No centro do Evangelho, particularmente no discurso eclesial de Mateus, o evangelista retoma a indicação da presença constante do Emanuel ao afirmar a sua presença na comunidade eclesial (Mt 18,19-20). Cujo acento principal é a comunhão eclesial, vivenciada por meio de atitudes concretas de cuidado, fraternidade, oração, comunhão e perdão. Por fim, no versículo que conclui o texto evangélico, o Emanuel promete que estará para sempre com os seus discípulos e

discípulas, até o fim dos tempos (Mt 28,20). Pois, tendo-os chamado para caminhar com Ele, desde a Galileia, não os deixará, isto é, continuará trilhando com eles o caminho até a plena consumação do tempo.

Homens e mulheres do Caminho

No texto dos Atos dos Apóstolos encontramos um elemento bastante significativo e importante que indica não somente a identidade dos seguidores de Jesus Cristo, mas também a identidade da Igreja. O texto descreve as atitudes de Saulo, enquanto perseguidor dos cristãos, deixando claro que aqueles que professavam a fé em Jesus Cristo eram reconhecidos como homens e mulheres do Caminho (At 9,2). Da mesma forma, a própria Igreja era definida como o “Caminho” como vemos em At (18,26), texto no qual não somente os cristãos são indicados, mas também o modo de vida, ou seja, a nova família, constituída pela profissão de fé e pelo batismo. Assim, a vivência dessa nova família, da comunidade eclesial, formada por homens e mulheres do Caminho, é descrita de modo particular e marcada por alguns elementos fundamentais.

O primeiro é a promessa do Senhor feita aos seus discípulos de que nunca caminhariam sozinhos, isto é, tendo-os chamado para junto de si, promete-lhes que nunca os deixaria, mas que sempre caminharia com eles (Mt 28,20).

O segundo elemento que deve ser levado em consideração é o modo como o Senhor caminhará com os seus discípulos e será reconhecido presente, ao longo do caminho, isto é, pela Palavra e pela Celebração da Eucaristia. No texto de Lucas encontra-se a passagem dos discípulos de Emaús, onde é perceptível a forma e o modo como o Senhor caminha com os seus discípulos, bem como os sinais que os ajudam a reconhecer a presença do Mestre ao longo do caminho. Pois, como corações inflamados e iluminados (Lc 24,32), eles retornam a Jerusalém para confirmar a fé da comunidade (Lc 24,35).

O terceiro elemento é o compromisso de amor apresentado como sendo a base da comunidade eclesial, possibilitando aos irmãos e irmãs a criarem laços de profunda comunhão, fraternidade e partilha (At 242-47). O retrato que aparece revela a vivência interna da comunidade, marcada por sinais de pertença e compromisso fraterno e eclesial, por meio de uma escuta atenta e gestos de proximidade concretos.

O quarto elemento é que o caminho da comunidade eclesial é trilhado segundo a orientação e a luz do Espírito Santo, algo que fica muito claro em diversas passagens dos Atos dos Apóstolos. Na escolha e no envio, por parte da comunidade de Antioquia, de Barnabé e Saulo em missão (At 13,2.4).

Bem como, na resposta dada pela Igreja de Jerusalém aos apelos e ao caminho apresentado por Paulo e o quanto Deus tinha aberto a porta da fé aos gentios (At 15,28). O Espírito Santo é assim apresentado como o protagonista no papel do discernimento eclesial e do caminho sinodal. E o retrato que aparece da comunidade eclesial é que a mesma escutava a Palavra e o Espírito Santo, revelava-se atenta à realidade, promovia espaços de comunhão e partilha, celebrava a fé e assumia o compromisso missionário.

PARA REFLEXÃO NOS GRUPOS

Partindo da reflexão proposta e da leitura do texto, quais elementos poderiam nos ajudar no discernimento diante dos desafios e urgência de nossa Comissão para o próximo ano e para uma fecunda vivência do ano Jubilar?